Augusto Comte e o positivismo no Brasil

Dra. Margaret Bakos

Solitário e deprimido, o filósofo Augusto Comte criou a sociologia e inspirou as bases doutrinárias de quarenta anos de continuísmo político no Brasil

O traçado de três ruas da capital gaúcha atesta um caso curioso de continuísmo político: nos 40 anos entre 1897 e 1937, apenas três homens governaram Porto Alegre. No mesmo período, o Rio de Janeiro teve 27 intendentes; Belo Horizonte, 21; Recife 18; e São Paulo, 15. Como na história, a rua com o nome do engenheiro carioca José Montaury de Aguiar Leitão (1858-1939) – o primeiro dos governantes, apelidado de “ o eterno intendente”, desemboca no início da Avenida com o nome do engenheiro gaúcho Otávio Rocha (1870-1928) e continua na Avenida que leva o nome do empresário local Alberto Bins (1869-1957), seu sucessor, em 1924, e último prefeito, apeado do poder através do golpe do Estado Novo, em 1937.

O trio de chefes era membro do PRR – Partido Republicano do Rio Grande do Sul - criado em 1884, por Júlio de Castilhos (1860-1903). Foi por ele que as idéias de Augusto Comte (1810-1857) foram postas em prática neste país, pelo único exemplo de regime político que poderia ser chamado *ditadura republicana,* no sentido a ele dado por Comte: o *castilhismo*. Híbrido, então, como a palavra sociologia, que denomina a ciência nova de Comte, pela mistura do latim (sócio) e do grego (logia), o mando castilhista marcou a ferro e fogo o estado sulino.

Governar, para o Comtismo, era uma questão de competência e o continuísmo tornou-se o ponto essencial do castilhismo: era preciso *conhecer para poder prover, municipalização dos serviços públicos* e *orçamentos equilibrados.* Assim, a filosofia positivista foi às ruas de Porto Alegre, em nomes de praças, obeliscos e túmulos, os quais fortaleciam a máxima de que *os vivos serão sempre e cada vez mais necessariamente governados pelos mortos.*

O principio teórico comtiano era a busca, no passado, da explicação do presente e da previsão do futuro. Com a sociologia, Comte buscou entender a sociedade em que vivia. Queria tornar a filosofia uma ciência exata, pela adoção de metodologia de cunho lógico-matemático e de técnicas de observação e de registro, sistemáticos. Propunha, como objeto de estudo, as pessoas e seus papéis no cotidiano e ao longo da história.

No início de julho de 1830, saiu o volume inicial do seu *Curso de filosofia positiva* e, até 1842, os cinco restantes. Mas, foi o primeiro que revelou a mais significativa das idéias de Comte: a lei dos três estados e a identificação delas com o espírito de sua época – ***o positivismo***.

Segundo Comte, todos os fenômenos, as ciências e a própria história, desenvolvem-se em três fases: a *teológica*, a *metafísica* e a *positiva*. O **estado teológico** seria o ponto de partida da inteligência humana, em sua fase material, relativo ao período militar da antigüidade. O **metafísico** está ligado à fase material legalista do período medieval. Na fase intelectual **positiva,** o homem, liberto do misticismo, passaria a estudar os fatos sociais à luz do método positivo, correspondendo essa fase à etapa material industrial da modernidade.

É preciso ter presente que tais idéias foram geradas por um homem perplexo frente à anarquia do seu país, após a Revolução Francesa, e diante de questões de ordem pessoal. Em 1827, Comte foi salvo das águas do rio Sena algum tempo após sua mulher, Caroline Massin (1802-1877), havê-lo impedido de pôr fogo no quarto do hotel onde ele vivia, ao norte de Paris, e de ela haver se recusado a pular com ele em um lago, porque ambos não sabiam nadar.

Comte trocou, entre 1841 e 1846, cartas com o filósofo britânico John Stuart Mill (1806-1873). Famoso por sua teoria sobre a felicidade, Mill se prestou a ouvir as angustias do francês. A mais forte era o desejo de Comte de misturar o 'espírito francês' e o inglês, pois sofria com a falta de apoio dos italianos e alemães. Essa união, entretanto, foi inviável. A segunda queixa, advinha de seu amor impossível por uma mulher, Clotilde de Vaux (1815-1846), devido ao fato de ambos serem casados. De forte caráter, a amada escreveu-lhe uma carta terna, mas firme, em julho de 1845, dizendo: ***serei sua amiga sempre, se você desejar, mas jamais serei mais que isso.*** A última dizia respeito ao seu pesar pelo seu casamento, em 1825, com uma prostituta –

Caroline Massin– que durou 17 anos. Sobre essa união Comte afirmou ser *sua única falta irreparável na vida*. Caroline, segundo palavras de Comte, queria torná-lo *uma máquina acadêmica para ganhar mais dinheiro, títulos e honrarias,* e nunca o deixou em paz.

Quando Augusto Comte criou uma nova religião, tendo por deus a humanidade, cujo nome ele exigia que fosse escrito em letra maiúscula, e a imagem de uma mulher jovem, com o rosto de Clotilde de Vaux e uma criança no colo, Caroline Massin lhe escreveu, furiosa: *é uma publicidade incompreensível, forte demais. Você foi muito cruel para comigo!*

Sem dúvida, o encontro com Clotilde de Vaux, em 1844, fez Comte passar, como ele próprio confessou, por um processo de *regeneração moral.* Seis anos após a morte da amada, em 1852, Comte publicou o *Catecismo positivista*, que transformou sua filosofia da história em uma religião. Nessa fase, diz José Murilo de Carvalho:

A razão passou para segundo plano, abaixo do sentimento. Em conseqüência, dividiu-se o campo positivista porque vários de seus antigos seguidores se recusarem a aceitar a nova orientação. Littré, na França, foi um deles, Stuart Mill, na Inglaterra, outro. Quando o positivismo chegou ao Brasil, diz o historiador, ele já veio dividido.

Em 1844, Comte já era citado na Bahia, e, na década seguinte, no Maranhão. Em 1865, nesse estado, foi defendida tese que condenava a escravidão. No Rio de Janeiro, a chegada de suas idéias foi através do Colégio D. Pedro II, da Escola Politécnica, da Escola Naval e da Academia Militar. Nessa última, em 1857, o professor Benjamin Constant (1836-1891) divulgou a postura comtiana: *"não criar o futuro; apenas compreender como ele será e acelerar a marcha na sua direção"*. Em 1889, com a República, ele inseriu duas palavras de Comte na bandeira do Brasil: *ordem e progresso.* Ele teve apoio, entre outros, do médico carioca Luis Pereira Barreto (1840-1923) e do ideólogo da República, Alberto Sales (1857-1904) para eternizar, mais tarde, neste país, os princípios comteanos.

Ao final da vida, Comte dependia de amigos franceses e de uma brasileira: Nisia Floresta (1810-1885). Como este homem triste teria atraído a milionária brasileira corajosa, viúva, com dois filhos, que partiu, em finais de 1849, rumo à Europa, em busca de cuidados médicos para a filha, deixando para trás uma trajetória pessoal admirável? Ainda na década de 1840, Nisia fazia palestras no Rio de Janeiro, quando,

então, já apontava o regime escravocrata de a *vergonha da civilização moderna.* Quando chegou a Paris, aos 39 anos, ela se inscreveu no Curso de História Geral da Humanidade, oferecido por Comte; em 1856, eles iniciaram uma amizade que durou até a morte do mestre, sendo por ele tida como uma *preciosa discípula* caso ele *pudesse transformar um pouco seus hábitos metafísicos.*

A brasileira recebia Augusto Comte, em sua casa, dizendo: *Aí está o Sr. Comte, a maior glória da França. Procurem ouvi-lo e me darão razão. Não é um homem como os outros. É um gênio.*

No país de Nisia, Augusto Comte teve fãs mais fiéis às suas idéias do que o filósofo Pierre Laffitte (1823-1903), a quem ele chamou de *seu primeiro discípulo,* fato comprovado pelo Cisma Positivista, em 1883. Nessa ocasião, Miguel de Lemos (1854-1917), chefe da religião da humanidade no Brasil (1854-1917), buscou em Laffitte, pontífice do comtismo em Paris, apoio para punir um membro do apostolado brasileiro que, contrariando as normas da sociedade, tornou-se político e escravocrata. Para sua surpresa, Lemos foi aconselhado a não expulsar o fazendeiro, mas, sim, a reavaliar a situação e a distinguir *nos escritos do fundador,* de um lado, os princípios da doutrina e as normas da moral positivista, sagrados e imutáveis, e, de outro, os conselhos, cuja aplicação poderia variar segundo o tempo e o lugar.

Miguel de Lemos julgou herética a resposta de Laffitte, ao propor o livre exame na doutrina do Mestre. Com o apoio do líder positivista chileno Jorge Lagarrigue (1854-1894), rompeu com Laffitte, separando, da francesa, a Igreja Positivista Brasileira. Augusto Comte foi declarado, então, o único chefe subjetivo do grupo; o Rio de Janeiro passou a ser matriz ecumênica do positivismo integral.

No Rio Grande do Sul, de volta da Academia de Direito de São Paulo, em 1881, Júlio de Castilhos apoiou Lemos e passou a usar o ideário comtiano no seu discurso. Dizia: *a monarquia e a escravidão são instituições anacrônicas que devem ser de súbito eliminadas.* Comte, de fato, mostrou as diferenças entre a escravidão antiga, que foi criada pela idéia de ao poupar a vida dos vencidos e organizar a produção, e a escravidão moderna, fruto apenas da ambição européia no continente americano. Ao longo dos anos 1884 a 1888, Castilhos pôs em xeque os direitos pleiteados pelos escravocratas: *Não tem direito à indenização aquele que, cedendo aos impulsos do dever, restituir ao homem o domínio de si mesmo.*

As idéias de Comte atraíram as famílias brasileiras no que dizia respeito ao potencial feminino para o bem da humanidade, manifesto no princípio de que *atrás de um grande homem sempre há uma grande mulher*. Mas, se censurava, neste país, a intolerância de Augusto Comte quanto aos questionamentos sobre seus dogmas e a contradição que observava entre o princípio do *viver para outrem, às claras* e o do autoritarismo, somadas à disciplina despótica da *"Religião da humanidade"*. E também o uso da força como essencial ao governo, negando, assim, o direito natural, o pacto social e a liberdade de consciência.

Essas razões eram, em síntese, as mesmas que fariam duas guerras civis no Rio Grande do Sul, na defesa do continuísmo político na capital e no governo do Estado. Na bandeira do Brasil faltou, além da "ordem" e do "progresso", a palavra "amor". Aliás, tal sentimento deve ter sido bastante raro nas idéias de Augusto Comte pois, de um lado, elas brotaram das suas mágoas íntimas e, de outro, do imperialismo ocidental que aumentou as diferenças entre as pessoas e os povos.

Olhos:

1. O traçado de três ruas da capital gaúcha atesta um caso curioso de continuísmo político: nos 40 anos entre 1897 e 1937, apenas três homens governaram Porto Alegre.

2. Híbrido, então, como a palavra sociologia, que denomina a ciência nova de Comte, pela mistura do latim (sócio) e do grego (logia), o mando castilhista marcou a ferro e fogo o estado sulino.

3. Comte foi salvo das águas do rio Sena algum tempo após sua mulher, Caroline Massin, havê-lo impedido de pôr fogo no quarto do hotel onde ele vivia, ao norte de Paris.

4. No Brasil, Augusto Comte teve fãs mais fiéis às suas idéias do que o filósofo Pierre Laffitte, a quem ele chamou de *seu primeiro discípulo,* fato comprovado pelo Cisma Positivista.

Crédito do autor

Margaret Marchiori Bakos é professora de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Autora dos livros: ‘RS: escravismo e abolição” (Porto Alegre, 1982); Porto Alegre e seus eternos intendentes. (Porto Alegre, 1986); e Júlio de Castilhos, positivismo, abolição e república (Porto Alegre, 2007).

Saiba mais:

CARVALHO, J. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CRUZ COSTA,J. Augusto Comte e as origens do positivismo.Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1959

FRANCO, S. C. Júlio de Castilhos e sua época. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1967.

SOARES,M.P. O positivismo no Brasil. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 1998

TRINDADE, H. (org.) O positivismo. Teoria e prática. Porto Alegre, Ed. da Universidade, 2007.

.